

■ DOSSIÊ - RELATOS DE EXPERIÊNCIA

■ A educação física escolar no contexto do ensino remoto em uma escola do Ensino Fundamental I: desafios e possibilidades

 *Geraldo Pereira Silva Filho**
*Gilceia Leite dos Santos Fontenele***

Resumo: Esse texto tem o objetivo de apresentar um relato de experiência realizado em uma escola classe ligada à Coordenação Regional de Ensino do Núcleo Bandeirante na área de Educação Física Escolar no contexto da pandemia do Covid 19. O marco temporal deste relato é o primeiro bimestre de 2021. Primeiramente, é feita a contextualização dos marcos legais e dos pressupostos teóricos da Educação Física enquanto área do conhecimento, assim como, de sua inserção nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental no âmbito do Distrito Federal. No decorrer do escrito procuramos fazer a articulação das nossas práticas pedagógicas com a teoria estudada, buscando a práxis - termo utilizado por Vázquez (1969), o qual pressupõe a unicidade entre a teoria e prática, pressupondo uma transformação do real -, com a intenção de demonstrar os desafios e as possibilidades de ações vivenciadas no campo da Educação Física em tempos de ensino remoto.

Palavras-chave: Educação Física. Ensino Fundamental I. Ensino Remoto. Trabalho Pedagógico.

* *Geraldo Pereira Silva Filho é mestre em Educação pela Universidade de Brasília e professor de Educação Física da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal - SEEDF. Contato: gepefilho@yahoo.com.br*

** *Gilceia Leite dos Santos Fontenele é especialista em Administração da Educação, em Psicopedagogia Clínica e Institucional e em Coordenação Pedagógica, e mestre em Educação pela Universidade de Brasília. Professora da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal - SEEDF. Contato: gilceia.fontenele@gmail.com*

Introdução

O artigo 206 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB – 9394/96) determina que “a Educação Física, deverá estar integrada à proposta pedagógica da escola, sendo, portanto, um componente curricular obrigatório da educação básica”. (BRASIL, 1996).

Outro documento que sinaliza a Educação Física como componente curricular essencial na escola são os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (1998), que estabelecem uma Educação Física que se articule às múltiplas dimensões do ser humano e para tanto, deve envolver as abordagens psicomotoras, construtivistas, desenvolvimentistas e críticas.

Por outro lado, apesar da intenção da Base Nacional Comum Curricular – BNCC em propor caminhos singulares para uma Educação Física em âmbito nacional, consideramos que há diversos equívocos estratégicos e conceituais nesta proposta. Sobretudo, no que se refere a valorizar a racionalidade técnica em detrimento das potenciais idiosincrasias típicas da cultura corporal do movimento, bem como, do patrimônio cultural e da diversidade regional próprios de cada pessoa e lugar. Assim, como retoma a educação pautada na racionalidade técnica o mesmo o faz com a retomada das habilidades e das competências, ou seja, uma investidura em um aporte neoliberal, que valoriza a técnica em contraposição à criticidade. Por esta razão, optou-se por não aderir ao referido documento como suporte teórico no presente artigo. Entretanto, reconhecemos a necessidade de ampliarmos mais o debate sobre estas questões e se verificar os efeitos da BNCC na prática.

Segundo o Currículo em Movimento da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (2018) “a Educação Física é uma área do conhecimento que trata pedagogicamente de práticas e saberes relativos às manifestações corporais produzidas em diversos contextos sociais e históricos, constituindo, assim, a cultura corporal.” (DISTRITO FEDERAL, 2018, p. 109).

Ainda, para o Currículo em movimento da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (2018), a Educação Física deverá estar articulada aos demais componentes curriculares e, também aos temas transversais de modo a ressaltar o seu caráter lúdico. Além disso, deverá envolver as dimensões afetivas, cognitivas, sociais e motoras, colaborando com a formação integral dos estudantes, procurando buscar objetivos e conteúdos que tenham a relação com as demandas sociais, a serem desenvolvidos em uma relação de unicidade entre a teoria e a prática.

Não há dúvidas acerca da relevância da Educação Física como área do conhecimento e de sua legitimidade em todos os níveis de ensino da educação básica. Contudo, por causa de certas interpretações da legislação vigente e, possivelmente, devido à vontade política ligada a fatores financeiros, muitas unidades da federação brasileira não garantem o professor de Educação Física na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Mas a necessidade e a importância da Educação Física como área do conhecimento nos anos iniciais do Ensino Fundamental não é algo novo, no Distrito Federal - DF, em meados de 1960, este componente curricular esteve presente nas Escolas Parques desde sua fase de implementação, e, em meados dos anos 1990, tivemos a experiência da Escola Candanga, um

Projeto de Educação que previa a Educação Física neste nível de ensino. (DISTRITO FEDERAL, 2019).

No DF, atualmente, temos o Programa Educação com Movimento – PECM (2019), uma conquista fruto de plenárias ocorridas em 2011 e consolidado no ano de 2012. O PECM visa ampliar a oferta da Educação Física na educação infantil e nos anos iniciais de maneira gradual, até universalizar o atendimento para toda rede pública.

O objetivo primeiro do Programa Educação com Movimento - PECM é a promoção de um trabalho pedagógico integrado e interdisciplinar entre os professores regentes e de Educação Física, buscando o desenvolvimento integral do estudante.

Ressaltamos que este encontro entre a Pedagogia e a Educação Física proporcionado por meio do PECM (2019) tem favorecido resultados positivos no que se refere ao movimento, a criatividade e a interação social, assim, este escopo de possibilidades motoras e vivenciais ancora-se na perspectiva da cultura corporal, traduzida em jogos, brincadeiras, lutas, danças, esportes, conhecimento sobre o corpo, dentre outros.

As brincadeiras e os brinquedos vivenciados nas aulas do PECM, são importantes aliados para o desenvolvimento integral dos alunos e ação essencial para que a criança aprenda. Nesse sentido, para Vygotsky (1998) é brincado que a criança entra no mundo de faz de conta e vive as histórias e as relações do mundo dos adultos. É por meio da brincadeira, das relações e da vivência com o outro que a criança vai se desenvolvendo como ser social.

Nos anos iniciais do ensino fundamental, a Educação Física desempenha um importante papel por garantir um brincar planejado, com o objetivo de desenvolver certas habilidades, criando um mundo de possibilidades e de aprendizados, por meio das brincadeiras, nas quais a criança se desenvolve e vivencia personagens da vida real que ela imita e representa.

Como coordenadora pedagógica e professor de Educação Física de uma escola pública do ensino fundamental, anos iniciais, conscientes da obrigatoriedade e importância da Educação Física para as crianças em fase de crescimento, sempre procuramos desenvolver este componente curricular da melhor maneira possível, considerando as fases do desenvolvimento humano, de acordo com as necessidades e potencialidades individuais de cada criança, em particular e do grupo, nos preocupando com os aspectos voltados para a socialização, a psicomotricidade e o desenvolvimento integral dos estudantes.

1. A Educação Física no contexto do ensino remoto em uma escola do ensino fundamental I: desafios e possibilidades

Antes de entrar propriamente na contextualização das rotinas pedagógicas e relatar os desafios e possibilidades estabelecidos a partir do cenário do ensino remoto na perspectiva da Educação Física, faremos uma leitura do contexto macrosocial do qual a escola faz parte. Sobretudo, porque não há como discutir a nova realidade da Educação apartada dos múltiplos efeitos sociais criados ou potencializados pela pandemia e, cuja implicações, aparecem definitivamente no âmbito escolar.

Dito isso, importa anunciar que o Brasil é um dos países do mundo com maior número de mortes devido à Covid19, são,

aproximadamente, 500 mil mortos. Sem contar com os problemas sociais e políticos como o desemprego, que aumentou, a renda das famílias caiu, a fome cresceu entre os mais pobres, mais gente ficou sem onde morar, o nível de depressão e estresse cresceu, a violência doméstica aumentou, dentre outros flagelos decorrentes da pandemia, anunciados todos os dias nos jornais do nosso país.

Desta forma este triste quadro social incide, diretamente, nas famílias atendidas pela e na escola pública, o que não pode deixar de ser considerado na organização do trabalho pedagógico e no modelo de ensino remoto. Porque defendemos

a educação com prática da liberdade, ao contrário daquela que é prática de dominação, implica a negação do homem abstrato, isolado, solto, desligado do mundo, assim como também a negação do mundo como uma realidade ausente dos homens. (FREIRE, 2020, p. 98).

Assim, com a realidade da Pandemia do Covid 19 sofremos uma profunda ruptura na ordem social em escala planetária, que impactou mudanças estruturais e de funcionamento em todas as áreas. No campo da educação, este abalo não foi diferente. No DF as atividades educacionais passaram a ser ministradas de forma remota por meio da Plataforma Escola em Casa DF, assim, o ambiente escolar passou do presencial para o remoto, conforme o Decreto Nº 40.817 de 22/05/2020.

O ensino remoto compulsório, certamente mexeu com todas as áreas do conhecimento dentro da educação formal. Contudo, áreas como a Educação Física, que têm como objetos de análise o trabalho com o corpo, o movimento e a interação social sentiram de forma mais direta o distanciamento imposto pela pandemia.

Diante desta realidade limitante imputada pelo cenário pandêmico, fomos provocados por uma avalanche de questionamentos de cunho pedagógico, dentre eles: como substituir o contato corporal, os abraços, os sorrisos, o calor humano por atividades remotas? Qual o espaço físico que as crianças dispõem, em suas casas, para que possamos desenvolver nossas aulas? Será que existe a possibilidade de se desenvolver aulas on-line? Perguntas que nos inquietaram, e, mexidos com a situação adversa que estávamos vivenciando aos poucos fomos burilando, respostas para as questões apresentadas.

Questionamentos que nos levaram, no ano letivo de 2020, a nos preparar e nos adequar aos desafios perpetrados pelo modelo de ensino remoto, para isso participamos de formações oferecidas pela Escola de Aperfeiçoamento aos Profissionais da Educação – EAPE, para melhor conhecer, aprender e lidar com as novas tecnologias, as quais seriam utilizadas do novo contexto educativo. Durante esta fase inicial, as aulas de Educação Física eram desenvolvidas por meio de vídeos (produzidos pelos professores de Educação Física), formulários, jogos desenvolvidos por meio da gamificação, os quais eram encaminhados na plataforma Google Sala de aula e via grupo de WhatsApp (criados pela escola com o objetivo de facilitar a comunicação dos professores, direção, coordenação, famílias e estudantes) e atividades impressas, conforme o Guia de Orientações para o ensino fundamental: anos iniciais e anos finais, 2021, p. 28).

Vale salientar que, em meio aos processos de formação docente para o ensino remoto, as tentativas, às vezes foram de ensaio e erro, mas não desistimos, muito pelo contrário, nos

fortalecemos enquanto grupo e procurávamos desenvolver um trabalho pedagógico colaborativo.

Cabe ressaltar que o ano letivo de 2020 foi o laboratório de experiências docentes, e também, o momento em que, todos nós: pais, alunos, professores, equipe gestora e órgãos administrativos estávamos nos adaptando às novas ferramentas tecnológicas, assim como, aos novos tempos e espaços pedagógicos.

Essa situação nos inquietou e afetou não, somente, a área da Educação Física, mas também o desenvolvimento das aulas em geral, porque percebemos que só o material impresso e atividades na plataforma não eram suficientes para acompanhar o desenvolvimento das aprendizagens dos alunos. Desta maneira, a equipe gestora lançou mão de outro formato de atendimento para o ano letivo de 2021, estabelecendo a obrigatoriedade da participação diária nas aulas via Google Meet e o grupo de professores abraçou esta causa. O objetivo destas aulas diárias era favorecer a interação direta e a relação dialógica entre professores e alunos. Nesse sentido, FREIRE (1998, p. 96) explica que “o fundamental é que professor e alunos saibam que a postura deles, [...] é dialógica, aberta, curiosa, indagadora e não apassivada, enquanto fala ou enquanto ouve.” Ainda, quanto às relações pedagógicas, Veiga (2019, p. 202) chama a atenção para o fato de que “toda relação pedagógica, como toda reação humana, é um processo de construção solidária, em que professores e estudantes irão compartilhar experiências pessoais e profissionais”. A partir desta perspectiva foi que as aulas no Google Meet favoreceram a participação dos estudantes e se deram de uma forma mais efetiva, apesar de que nem todos os alunos terem acesso aos recursos tecnológicos.

No que se refere à Educação Física que, de acordo com o PECM, tem dois encontros semanais por turma, a escola organizou-se de maneira que uma aula seja no Google Meet e outra aula desenvolvida por meio de atividades na Plataforma. É importante salientar que as aulas via Google Meet não se igualam às aulas presenciais, porém, no nosso entendimento, comparadas ao material impresso e atividades na plataforma elas são mais interessantes.

No início de 2021, resolvemos aplicar um questionário para as famílias dos estudantes via formulários do Google para coletar dados sobre o perfil sócio-econômico-cultural, a fim de colher informações para um planejamento dentro da atual realidade escolar.

A partir dos questionários aplicados on-line, encontramos um total de 432 alunos matriculados. Em relação à Educação Física, 209 (48%) acessavam o material impresso, 232 (53,7%) realizavam as atividades na Plataforma Google Sala de Aula e 146 (33,7%) participavam das aulas no Google Meet. Neste sentido, cabe informar que alguns alunos optaram por utilizar mais de um dos recursos didático-pedagógicos oferecidos pela escola e que nem todos estudantes conseguem ter acesso à plataforma por não possuir recursos tecnológicos e ou financeiros, neste caso, há a opção pelas atividades impressas. Essa situação pode indicar os efeitos da pandemia, possivelmente, algumas famílias optam por outras necessidades que vão além de um sinal da internet e acabam migrando para o material impresso que não tem um custo direto.

Para obtermos dados, ainda mais precisos, acerca da realidade, aplicamos um formulário investigativo com o intuito de

traçar um perfil socioeconômico dos alunos. Dos 225 alunos inseridos no turno Matutino, turno considerado nesse estudo, 74 faziam uso do material impresso, dos 147 restantes, 130 responderam ao formulário. Assim, os questionários revelaram que as famílias não eram tão pequenas quanto imaginávamos, em sua maioria, são quatro ou cinco pessoas por família. Outro dado revelador diz respeito ao trabalho, ou seja, 97% das famílias possuíam uma, duas ou até três pessoas trabalhando. O que indica que, se há dificuldades em custear o ensino remoto a renda das famílias pode ter caído durante a pandemia. Se o nível da renda das famílias é um fator dificultador para acessar as novas tecnologias da educação, o que falar dos 3% que não possuíam trabalho, quando a pesquisa foi desenvolvida?

Os dados sinalizam que uma boa parte das famílias, 48%, optaram pelo material impresso, talvez não por entender que essa seja a melhor opção para garantir as aprendizagens de seus filhos durante o ensino remoto, mas, muito provavelmente, por não terem condições materiais de se fazer outras escolhas. Embora o entendimento, via Google Meet seja a opção que temos para o momento, mesmo assim, há ressalvas. Pois apesar do lado positivo, nestas aulas logo de início, percebemos que a relação professor-aluno, componente marcante e positivo das aulas presenciais estava profundamente afetada, sobretudo, por conta das limitações na relação professor-aluno, que subjazem no sistema das aulas remotas.

Além da relação professor-aluno em uma aula no Google Meet não ser favorecida há outros percalços que se afluam neste espaço de ensino-aprendizagem como, por exemplo, alunos que não abrem a câmera, que abandonam a aula antes do seu término, a logística desta própria ferramenta que não favorece o aparecimento de todos os estudantes na tela ao mesmo tempo, o formato deste recurso tecnológico que torna difícil a explicação das atividades, que envolvem os movimentos com o corpo e o acompanhamento do professor nas execuções das atividades realizadas pelos dos alunos.

Quanto à baixa participação nas aulas remotas de Educação Física, 33%, outro fator que pode tê-la favorecido foi a falta de interação entre os próprios alunos. Também podemos colocar nesse pacote anticlímax: a falta de um lugar convidativo, como a quadra da escola, a limitação de materiais, a falta de um espaço aberto, as condições socioeconômicas, políticas entre outras.

Porém, concordamos que as aulas de Educação Física via Google Meet realizadas, diariamente, é um fator positivo diante do cenário do ensino remoto, do qual estamos vivendo.

Concluindo sem colocar um ponto final...

Diante de todos estes desafios que convivemos, diariamente, neste momento de pandemia e com a experiência que temos, hoje, a respeito do ensino remoto, acreditamos que foram e, estão sendo muito válidas as aulas on-line no Google Meet, pois é por meio destes momentos que temos contato com nossos estudantes e também porque é nesse espaço que podemos ouvir as vozes, muitas vezes, silenciadas por este momento tão diferente que estamos vivendo, porque é nesse espaço virtual, apesar de limitado, que podemos acompanhar os nossos estudantes e desenvolver, assim, o ensino-aprendizagem.

Entendemos que a pandemia do Covid 19 também foi reveladora no sentido de lançar luz há muitas desigualdades estruturais mundo afora e, no Brasil em particular. No campo da Educação, aumentou ainda mais a distância entre o ensino público e privado, tendo este último, mais condições materiais de se reinventar frente às adversidades pandêmicas. Diante do relato, por hora exposto, podemos inferir que, até mesmo no ensino público, há categorias diferentes de alunos em relação ao acesso às melhores condições no que tange o processo ensino-aprendizagem. Senão vejamos, aqueles que somente se utilizam do material impresso estão desprivilegiados em relação aos que podem usufruir das ferramentas tecnológicas da Plataforma remota e, principalmente, em relação àqueles que participam da aula via Google Meet.

Acreditamos que a maior parte de professores dos anos iniciais, ainda, não tinham pensado em viver uma situação pedagógica como vivemos hoje, ou, talvez, até pensaríamos que seria impossível desenvolver o ensino-aprendizagem para crianças pequenas no “modelo” de escola que vivenciamos hoje, mas, colaborativamente, vencemos cada desafio e dificuldades juntos, procurando construir, todos os dias, uma forma diferente de ensinar e aprender, com criatividade, parceria e amor à causa da educação.

E para seguir esperançando, finalizamos com a frase de Paulo Freire (1998, p. 115): “sou professor a favor da esperança que me anima apesar de tudo.” ■

Referências

- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física / Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC / SEF, 1998.
- _____. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.
- _____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** – Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm > Acesso em: 05 Jun. 2021.
- DISTRITO FEDERAL. **Currículo em Movimento do Distrito Federal** – Ensino Fundamental Anos Iniciais. 2ª Edição Brasília, 2018.
- _____. **Decreto Nº 40.817 de 22/05/2020**. Disponível em: < <https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=390663> > Acesso em: 04 abr. 2021.
- _____. Guia de Orientações para o ensino fundamental: anos iniciais e anos finais. Brasília – DF: Secretaria de Educação. 2021.
- _____. **Projeto Educação com Movimento** – PECM. Brasília: Secretaria de Educação, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
_____. Pedagogia do oprimido. 74ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

VEIGA, Ilma Passos Alancastro (Org.). **Relação pedagógica na aula da educação superior**. Campinas, São Paulo: Papirus, 2019.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **Filosofia da Práxis**. Trad. Maria Encarnación Moya . 2ª Ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

VYGOTSKY, L. S. **La imaginación y el arte em la infância: ensaio psicológico**. Madrid: Akal, 1982.